



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



O MEU MENINO É D'OIRO

Por MARIA DOLORES CRISTIANO
Desenhos de Adolfo Castañé



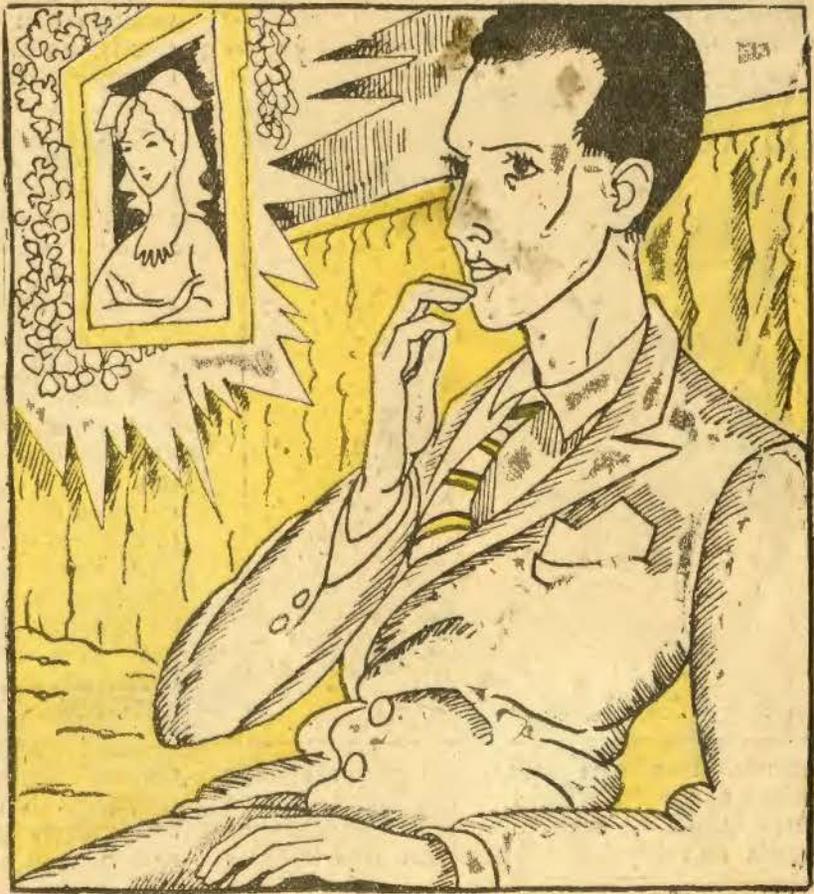
QUANTO
o com-
bóio cor-
ria doi-
damente
pela pla-
nície
imensa,
Jorge, o
menino
d'oiro,

instalado ao canto da carruagem,
recordava, recordava...

Via-se, ainda há poucas horas,
a fazer as últimas despedidas e,
por fim, quasi numa fugida, aque-
la visita à Olímpia, a linda trica-
ninha... Via a janelinha emoldu-
rada pela hera sombria e, debru-
çando-se nela, o vulto gentil da
rapariga cantando, com uma voz
muito fresca, muito melodiosa, a
quadra:

O meu menino é d'oiro...
d'oiro é o meu menino,
hei-de levá-lo ao céu,
enquanto fôr pequenino!...

E, ao ouvi-la, esquecerá até a
amargura da partida, mas de-
pressa a voz da mãe, chaman-



do-o, despertara-o e mostrava-lhe a triste realidade:

Mais vozes repassadas de tristeza, mais lágrimas... Um silvo agudo do comboio anuncia a partida, e ei-lo correndo, doidamente, pela planície imensa...

Até que, embalado pelo balanço uniforme do comboio, adormeceu.

Ei-lo agora a viajar por esses Brazis fora, num pequeno iate, subindo em noites tormentosas aos mastros mais altos, enquanto a espuma branca das ondas alterosas, cobria todo o convés, ou deliciando-se, em noites de calma, ante o céu crivado de estrelas e o mar muito calmo, a acariciar o costado do barquinho. Então, pegava na guitarra, companheira inseparável de quasi todos os nossos marinheiros, e cantava suavemente:

O meu menino é d'oiro...
d'oiro é o meu menino,
hei-de levá-lo ao céu,
enquanto fôr pequenino!

Entretanto, o seu pensamento voava para certa janelinha emoldurada pela erva sombria...

Era numa dessas noites tempestuosas de inverno. No céu plúmbeo, corriam doidamente grandes nuvens negras, como borrões colossais entoados dum tinteiro gigante. Grossas cordas de água caíam sem interrupção, encharcando o convés que as vagas varriam constantemente. Os relâmpagos iluminavam sinistramente o frágil barquinho que dançava como um ébrio sobre o mar



imenso. Nisto, uma rajada, mais forte, rompe as velas e os mastros, e, como que arrancados por uma força ignota, tombam no convés, arrastando na queda dois tripulantes que foram logo tragados

pelas águas revoltas. No barco, sem govêrno, os restantes tripulantes executavam, como podiam, as ordens rápidas do comandante.

De repente, uma onda mais alta, atira o barco



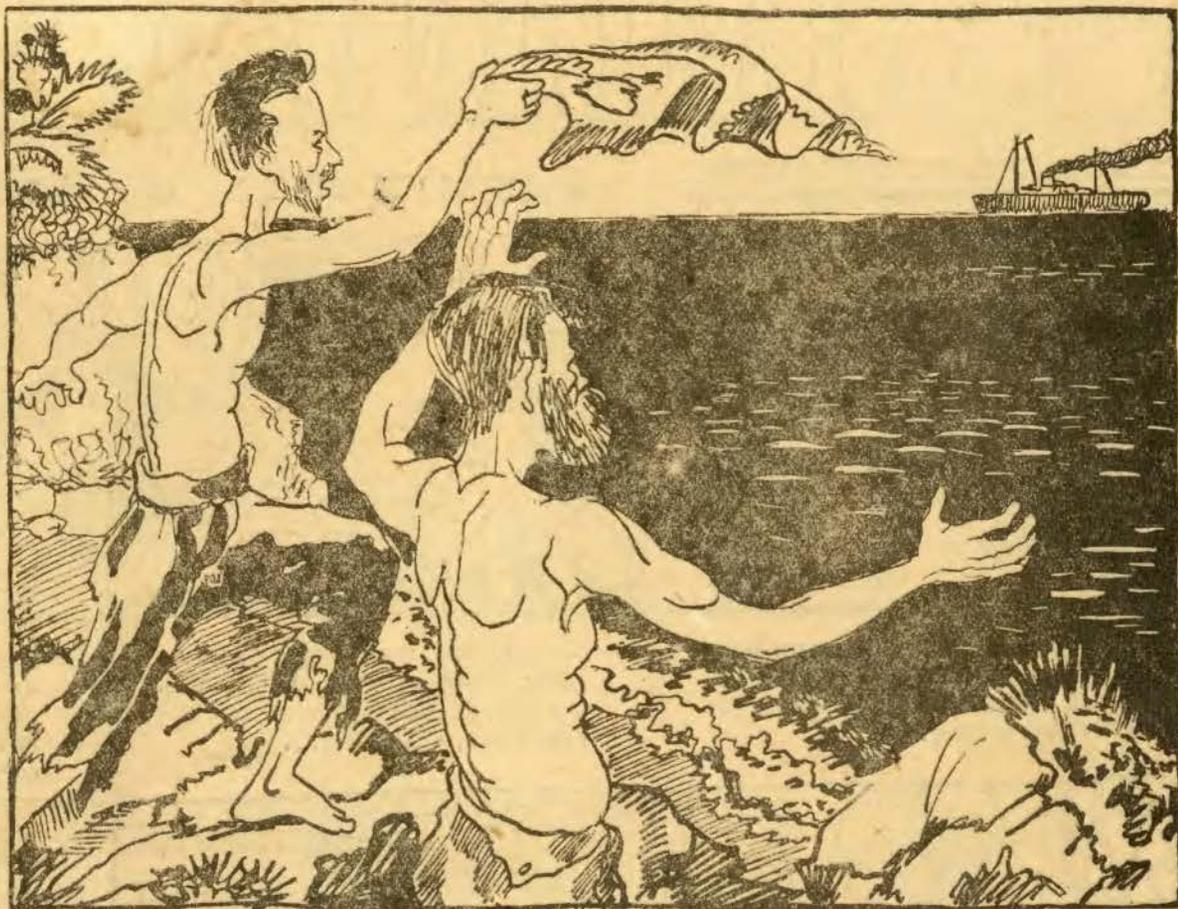
para uma rocha de encontro à qual êle se espatifou. Os pobres nautas, atirados ao mar pelo choque, agarram-se aos restos do navio e lutam com as vagas. Mas, cançados, depressa largam as velhas tábuas e afundam-se no abismo. Só Jorge, que, por acaso, ficara mais perto da rocha fatal, nadando com todas as forças, vigoroso como era, conseguiu atingir a terra, subindo com custo, arranhando-se, ensagüentando as mãos de encontro às pedras. Já lá em cima, e quando contemplava como louco, o que restava do seu barquinho, viu alguém debater-se nas águas furiosas. Tornou a descer as rochas e, com o auxílio providencial dum tábuas que perto flutuavam, conseguiu agarrar o pobre naufrago, levando-o para terra.

Aqui, os dois, cansados pelo enorme esforço, caíram inanimados.

No dia seguinte, os dois naufragos despertam, reconhecendo Jorge que tinha salvo o patrão que com êles quizera fazer uma viagem e que assim sofrera o baptismo do mar. Aproximam-se os dois da praia e, vendo na água, já muito serena, algumas tábuas do querido barco e, lá ao longe, o corpo do cão de bordo, a boiar, não puderam reter as lágrimas que lhes rolaram pelas faces tismadas.

O velho patrão ficara abatido e triste a contemplar o mar imenso. Mas Jorge, com a ardência da sua alma jovem, convenceu o velhote a acompanhá-lo e a irem percorrer a ilha onde se encontravam, a fim de ver se deparariam algum habitante. Assim fizeram.

Andaram percorrendo a ilha em todos os sentidos mas nem um vestígio de ser humano encontraram. Em vista disto, resolveram construir uma cabana perto da praia e começaram, assim, uma vida de selvagens, alimentando-se de frutos



vários que abundavam, caçando e pescando.

Assim passaram dias, semanas, meses...

Mas, uma noite, o Destino, cansado de os ver sofrer, quiz que um vapor passasse à vista da ilhota que todos julgavam desabitada, e visse a fogueira com que os infelizes afugentavam as feras. Para aí se dirigiram os seus tripulantes e bem admirados ficaram ao ver dois brancos, magros, muito magros, do dorso nú, com a pele tisonada pelo sol incandescente, de barbas compridas e mal tratadas.

Levados para bordo pelos carinhosos navegantes, arranjaram-se como homens civilizados, que eram, enquanto contavam a sua triste aventura.

A todo o vapor foram conduzidos para a terra do patrão onde a família dele não queria crer na realidade, ao ver o seu parente julgado morto havia tanto tempo.

Jorge apresentado à família deste, foi muito elogiado pelo seu procedimento e, sequioso da

sua terra, quiz voltar a Portugal. O patrão, rico como era, deu-lhe uma pequena fortuna que lhe permitiria viver sem trabalhar, e ainda na

hora da partida lhe recomendava, muito comovido, que o não esquecesse.

E o menino d'oiro, sem prevenir a família, entrou, enfim, num paquete que soltou rumo em direcção a Lisboa.



Entretanto, em Portugal, na sua risonha terra, a mãe de Jorge esperava em vão as suas cartas ou apenas indirectas notícias que alguém, vindo do Brazil, lhe pudesse trazer.

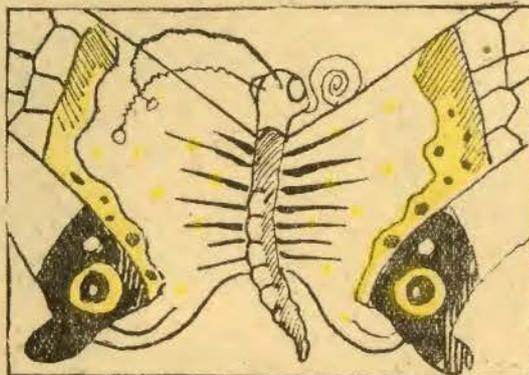
Mas chegava o correio, vinham emigrantes saudosos e nem vestígios do filho!

A pobre mãe já se julgava abandonada pelo filho querido e passava dias inteiros en-

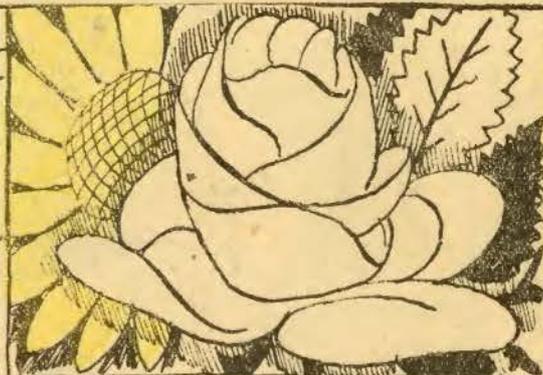
(Continua na 6.^a página).

A EXTRAORDINARIA AVENTURA

Argumento e desenhos



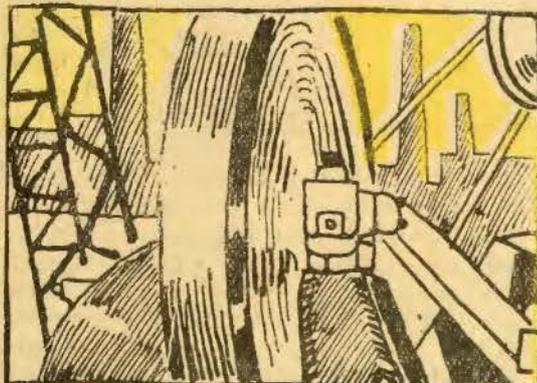
1—Certa borboleta, cheia de ousadia e de graça, andava a correr mundo. A sua vida era a mesma que a das outras borboletas;



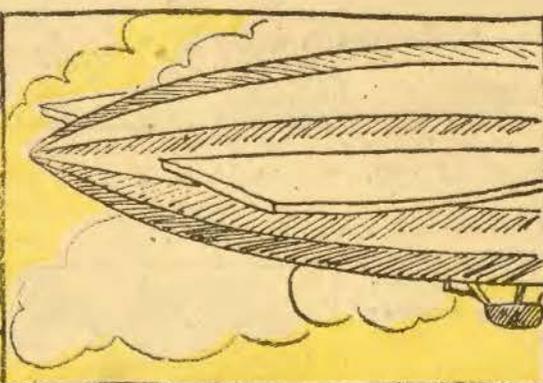
2—pousava, nas mais lindas flores ou voava sôbre os mais férteis vales. Contudo, ambiciosa, anciosa de emoções fortes, quiz mais!...



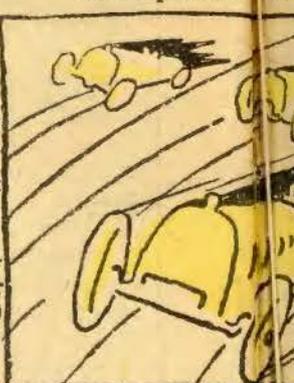
3—E um dia esta pequena deu em praticar as mais bravas façanhas. Iniciou a sua carreira na crista das montanhas, e fez uma coisa que dir-se-ia in-



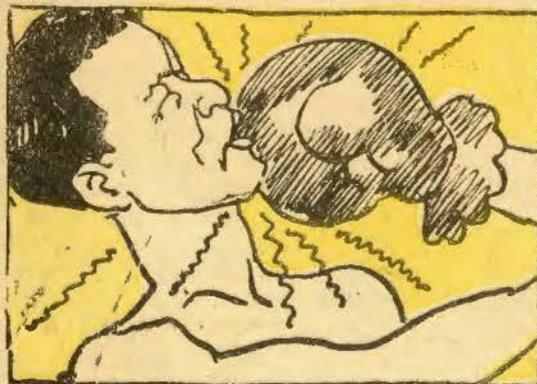
6—Andou pelas correias de transmissão e sôbre os volantes electricos de uma importante fábrica, sem sentir o mais pequeno abalo.



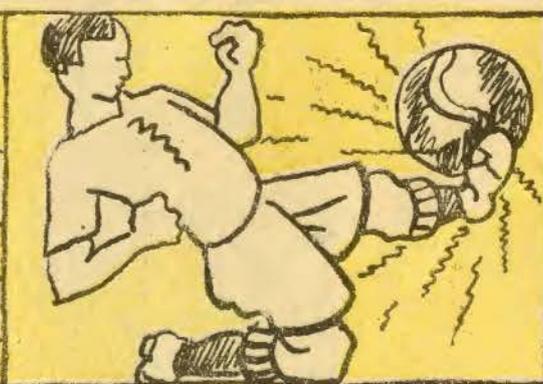
7—Deu a volta ao mundo no invólucro dum enorme avião a toda a velocidade.



8—e dormiu sobre um ginástico anão de corridas.



9—Num combate de box, ela poisou sobre as luvas dos combatentes...



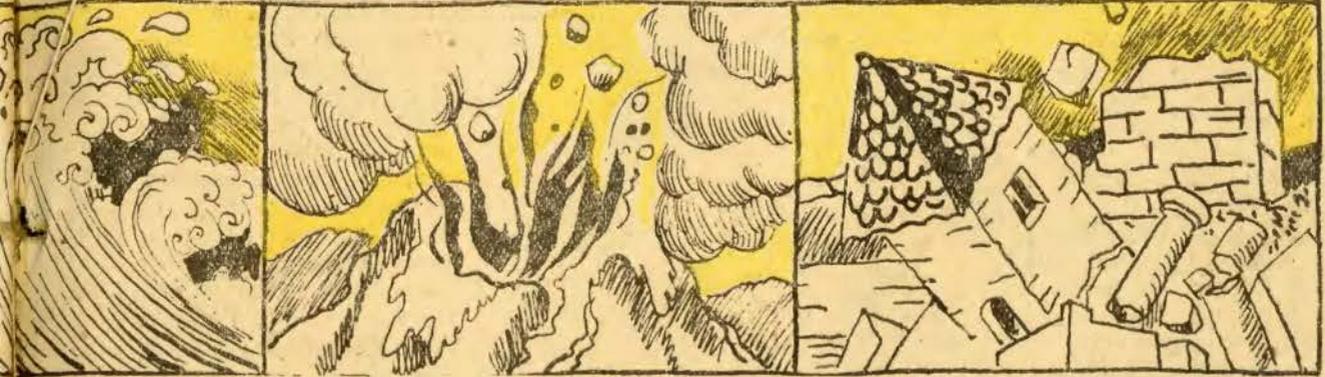
10—E, num desafio de «foot-ball», nos proprios pés dos avançados-centro.



11—Um dia, ao passear de seda e a pensar sôbre a

AVENTURA DUMA BORBOLETA

de Adolfo Castañé



pequena flor com asas,
as mais extraordiná-
ncipiou por pousar
encapeladas ondas,
a impossível.

4 — Fez mais; pousou sobre as labaredas dum vulcão e sentiu-se — (quem havia de dizer?! —) comodamente instalada.

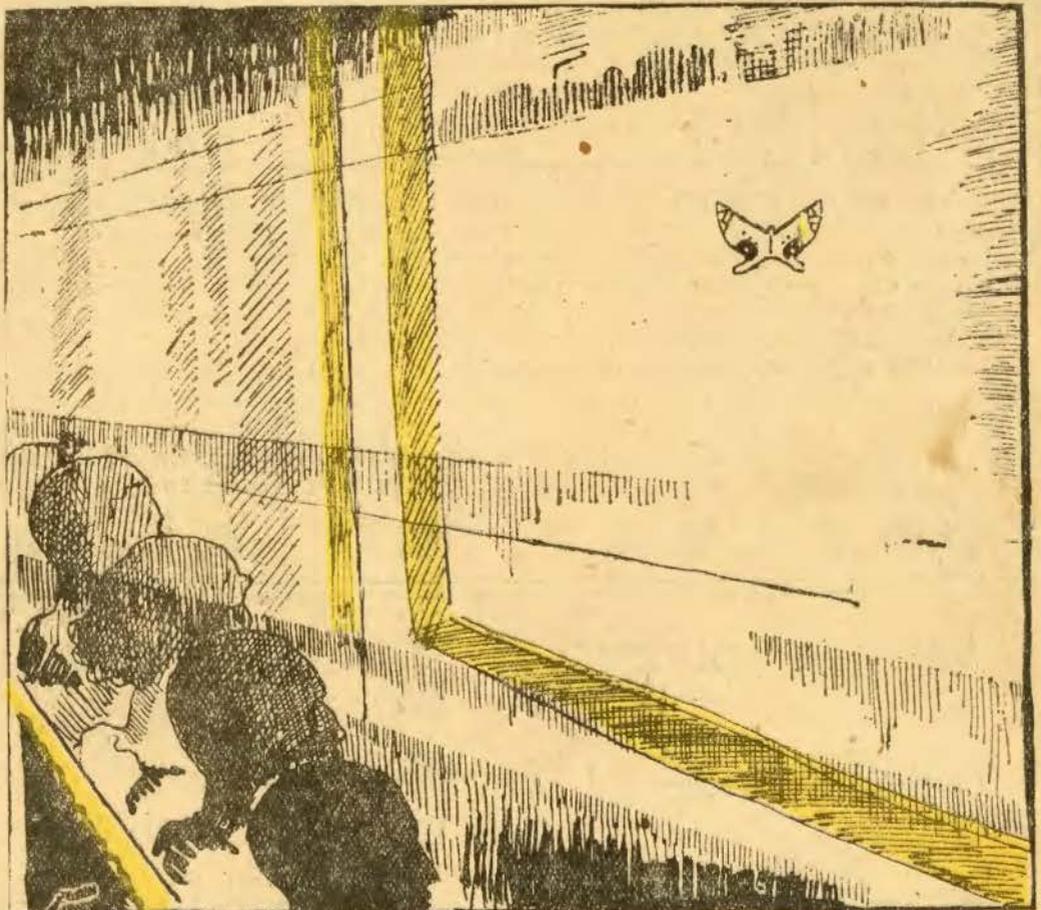
5 — Depois descansou, tranquilamente, nas ruínas, em movimento, dum cidade que ruía em consequência dum grande terramoto.



obre as rodas, em verti-
camento, dum automóvel



podeu abrir as suas asas
car parada, quieta, sus-
um beijo!



12 — O mais extraordinário desta história é que a nossa heroína borboleta pode fazer tudo isto sem se mover, sempre no mesmo sítio. Como é possível?! perguntarão os nossos pequeninos leitores. Muito facilmente: — ela tinha pousado, certo dia, no luminoso quadro dum grande cinema.

O meu menino é d'ouro

(Continuação da 3.ª página)

tregue a dolorosas meditações, chorando silenciosamente. Um dia mandou chamar a Olímpia, que também andava triste, muito triste, e disse-lhe: — Olha, não te prendas por causa do meu Jorge: não penses mais nele, pois certamente já não existe.

E as duas mulheres, estreitamente abraçadas, confundiam as suas lágrimas derramadas pelo mesmo ente.

Os dias foram passando...

Uma manhã, muito cedo, a mãe do Jorge foi a casa da ti'Júlia, mãe de Olímpia, e teve com ela uma longa conversa. Disse-lhe que tinha sonhado com o filho, que o vira belo e forte como nunca. Pediu-lhe, então, para ir com ela a casa da «ti'Amélia», que sabia deitar as cartas como ninguém. Nunca se soube o que a bruxa disse, mas calculava-se que fosse coisa boa; pois as velhotas saíram de lá radiantes.

Por outro lado, a Olímpia, aconselhada pela ti'Arlinda, sua mãe, fez uma promessa ao Senhor Jesus dos Navegantes, padroeiro dos marinheiros. Prometeu ao Senhor um menino em ouro, se o seu menino d'ouro voltasse.

E mais dias foram passando...

Primeiro domingo de Setembro.

O sol doiradinho cai, em catadupas de luz, sobre a vila em festa. Há no ar o aroma festivo de muitas flores e o estrolejar constante de foguetes, juntamente com o alegre repicar dos sinos anunciando a grande festa na terra: o Senhor Jesus!

Começa a procissão a desfilar.

Os homens, envoltos em amplas opas, vermelhas ou brancas, caminham serenamente, com passo cadenciado. No meio deles, os anjos, muito inocentes nas suas cândidas vestes, parecem enviados do Senhor! Agora passa a imagem do Senhor Jesus, levada aos ombros de possantes homens do mar. Esta imagem, tão doce e tão grave, que guarda lá longe os vossos homens do mar, comove sempre as pessoas que contam na família bravos marinheiros. Fecha a procissão a música e, atrás, uma massa compacta de povo.

Olímpia apenas fôra de manhã à igreja.

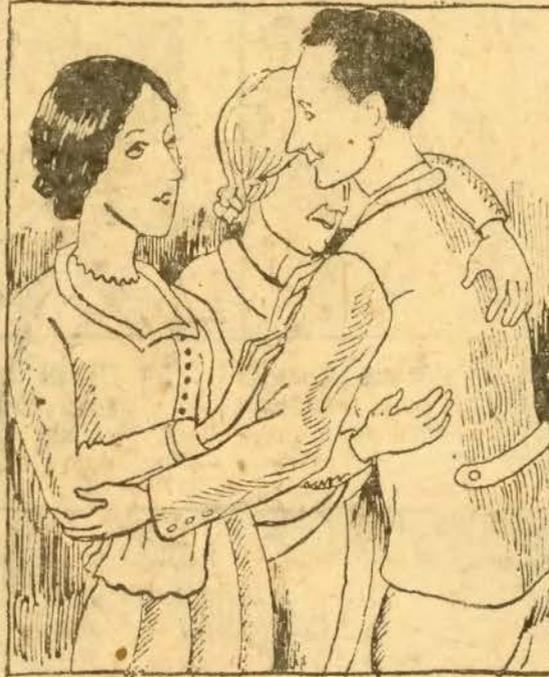
De tarde, a-pesar dos pedidos das amigas, preferiu ficar com a tia Arlinda, a lembrar o saudoso ausente.

Nisto sentiram um automóvel parar e logo repetidas pancadas soaram na porta. Apressadas, com o

coração batendo vertiginosamente, chegam à porta que se abre imediatamente.

Depara-se-lhes Jorge... Depois... não sei, não posso descrever o que se passou. São momentos êsses que só sentidos se avaliam bem e compreendem.

Para que contar-vos o que decorreu depois, se vós já adivinhastes que Jorge e Olímpia casaram, são felicíssimos, e que, desde êsse dia, um menino em ouro, muito jeitosinho e brilhante, faz parte das ofertas ao Senhor Jesus?!



FIM

Enigma pitoresco

100:9 tu Q

tu 12:3e P. n D

*BRUNO
LOUIE*



Colaboração infantil

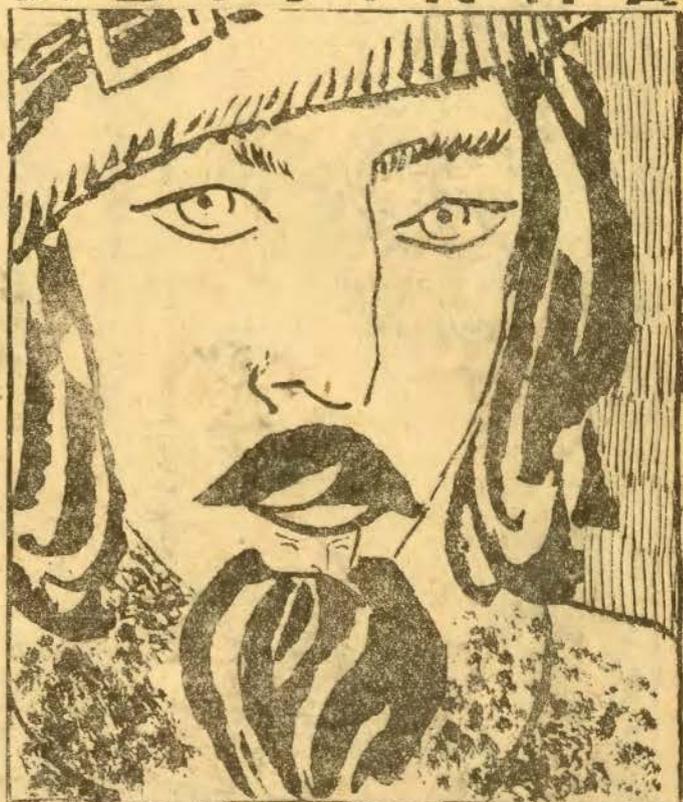


Desenho de Morenita.

HORA DE A DIVINHA RECREIO

CHARADAS AUXILIARES

- | | |
|--|--|
| 1. ^a + ta olho | 2. ^a + veiro cidade
mulher |
| 2. ^a + cordar-estar de
acordo | 1. ^a + liz-venturoso |
| 3. ^a + bito-divida
titular | 2. ^a + acho-rio pequeno |
| 1. ^a + er-sentido | 3. ^a + ma-doença
descenso |
| 2. ^a + i-interjeção | 1. ^a + ea-rua de arveres |
| 3. ^a + é-homem
jornal | 2. ^a + ta-mulher |
| 1. ^a + remias-homem | 3. ^a + na-banheira |
| 2. ^a + to-maltrapilho | 4. ^a + co-pedaço
mulher |
| 3. ^a + lo-rio | 1. ^a + mã-fruto |
| 4. ^a + quito-insecto
monumento | 2. ^a + olho-peixe |
| 1. ^a + es-ilha | 3. ^a + belha-insecto
flor |



SOLUÇÃO DAS CHARADAS ANTERIORES

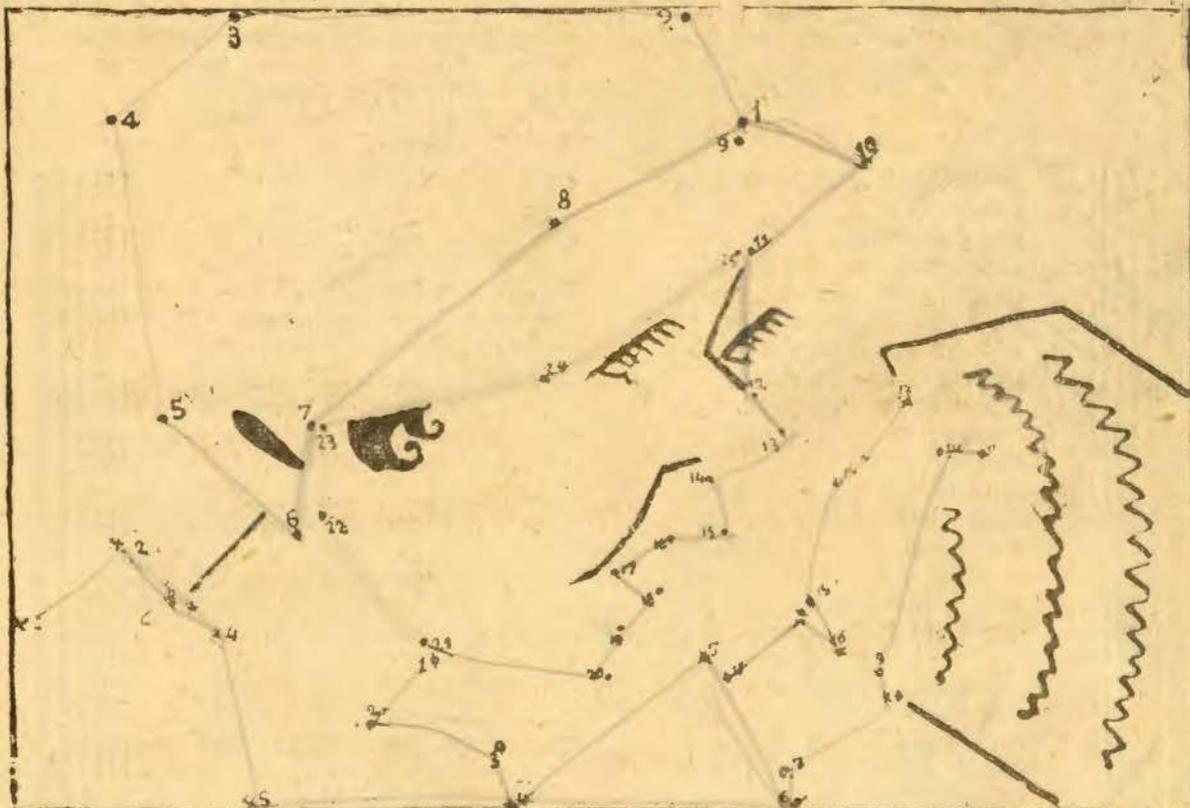
1-Figueira. 2-Nogueira. 3-Almolda. 4-Oliveira. 5-Rosa.

SOLUÇÃO DOS ENIGMAS ANTERIORES

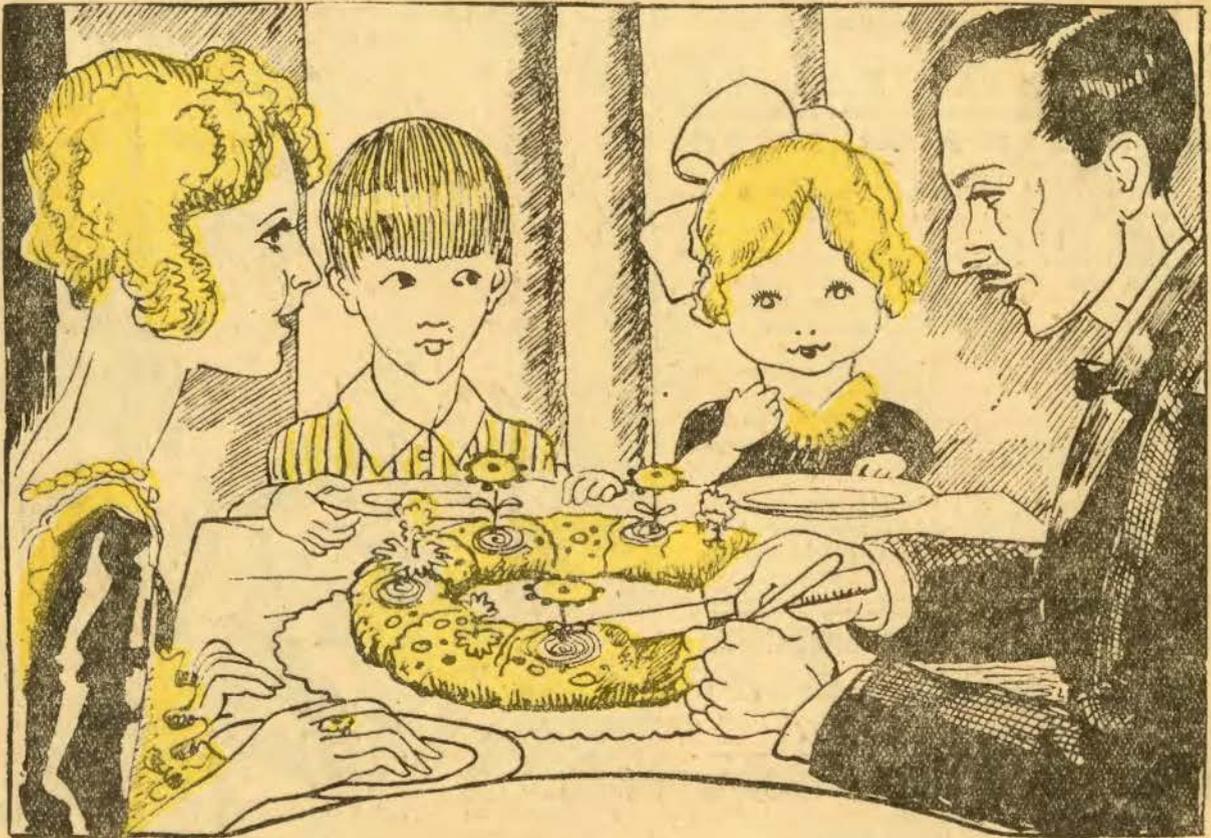
Quem muito dorme pouco aprende.
Cada um sabe de si e Deus de todos.

Meus meninos: — Este mosqueteiro é um terrível brigão. Um meirinho pretende prendê-lo. Vejam se descobrem este último, que é um embaçado.

PARA OS MENINOS TRACEJAREM



Este enigma é para ser resolvido em 3 séries. A primeira, ligando os respectivos pontos, por meio de um traço; a segunda, ligando, com outro traço, os pequeninos zeros cortados, que se vêem na gravura; e a terceira, ligando as pequeninas cruces, também nela indicadas.



O BOLO REI

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE A. CASTAÑÉ

— «Bôlo-rei... ai bôlo-rei...
enfeitado,
embandeirado,
com brinde em oiro de lei,
oh que bom, que bom que é!
Eu quero d'além, d'além!
E' além que o brinde está!»
Gritava aos pulos, Mané,
vendo encetá-lo o papá.

Porém,
sua irmãzinha, a Bébé
antes quer' do lado oposto,
e então grita para a mãe:
— «Aqui é que está; aposto;
para mim é que êle vem,
que é um gôsto, que é um gôsto.

Entretanto o Papázinho
de Bébé
e de Mané,
distribúe um bocadinho
de bôlo aos quatro da mesa,
emquanto diz a mamã,

em vózinha de quem reza:
— «o resto é para amanhã
que vem cá a Tia T'reza!»

Bébézinha e Manézinho
buscam, no seu bocadinho
de bôlo, a grande surpresa;
mas, em vez do brinde em oiro,
que cada um deles buscava,
encontram — oh que desdoiro! —
partida ao meio uma fava.

Fôra o caso que o paizinho,
sem reparar, já se vê,
ao partir o bocadinho
para Bébé e Mané,
cortara a favinha ao meio.

Raivoso, batendo o pé,
brada Mané, com enleio,
ante o papá que ralhava:

— «Afinal o bôlo é feio,
manda os meninos á fava!»

F I M